

# A REFORMA.

PERIODICO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

PROPRIEDADE DE MARIANNO GIL CASTELLO BRANCO

REDACTORES: BACHAREIS CLODOALDO FREITAS E ANTONIO RUBIM

ANNO I

As publicações particulares devem vir devidamente responsabilizadas.  
Escriptorio e redacção—Rua da Gloria n. 48

Theresina, 9 de Junho de 1887

Publica-se uma vez por semana

Assignaturas—Por anno 8.000.—Por semes-  
tre 5.000.—Pagamento adiantado

NUMERO 12

## A REFORMA

### CONSUMMATUM EST

Foi assim exonerado o sr. Jansem, determinando-lhe o governo que continue na administração da provincia até que chegue o *enfant gâté* do donatario do Maranhão, a quem fomos entregues por amor do pae, cujo filho vem nos deslumbrar com as sublimidades do seu talento infantil e do talão.

Que venha, pois, o sr. Viveiros de Castro. Como o sr. Jansem chegou a nível de todas as fraquezas e encheo a provincia de males, estamos certos que o seu successor poderá ser tanto, nunca peor.

Uma administração como a de s. exc., que tudo consentio e relaxou-se em uma cobarde condescendencia, já a caracterizamos com justiça e franquesa em longos artigos, punjentes de indignação e verdade. S. exc. surdo as nossas admoestações, vai-se embora sem praticar um acto de equidade, sem ter um brilho para salvar, das trevas que a cercam, a sua cadeira presidencial.

Atraz de s. exc., como um remorso vivo, ficam o padre Honorio, Pinto, Pratis, Osorio, e Antonio Ribeiro, o primeiro exercendo simultaneamente dois empregos vitalicios em provincias diversas; os segundos delegados cobertos de crimes, sendo que o ultimo accumula o cargo de 1.º juiz de paz! Mas s. exc. é um pobre, cujo espirito nunca vagou pelas serenas regiões da justiça e da moral.

Abafado entre preconceitos caducos, sem liberdade nem vontade; transido de medo pelo rompimento dos seus amigos e sem coragem para arcar contra o que diz a «Epoca»; s. exc. chegou a um ponto de degradação em que todos o odeiam e todos o evitam. Era a consequencia fatal de uma politica meticulosa e ruim, que nem era justa nem seria e pretendia, a troco de enredos jesuiticos, manter-se em equilibrio deante dos dois partidos. O resultado foi a queda desastrosa e fatal que s. exc. deo, sem achar quem o levante do chão, onde já abandonado e insepulto.

Fique S. Exc. em paz. Na vala communis em que mergulhou-se para sempre, não iremos augmentar-lhe os remorsos nem avivar-lhe as desgraças que já devem ter o par de mais pungido. A provincia esta cansada de uma palhaçada inane e ridicula e precisa de novas decorações e novos lances tragicos. O dr. Licinio era apontado, pela seu genio conhecido e pela sua coragem provada em tantos combates contra a lei, para galgar as escadas de palacio afim de reanimar, por novas violencias, o espirito do partido conservador abafado pela expirante administração. Mas, em boa hora, o governo evitou semelhante calamidade.

Virá, segundo corre, o Sr. Viveiros de Castro, receber das mãos do Sr. Jansem a sua investidura.

E' extrema a vantagem disto.

O Sr. Licinio não podia nas condições actuaes da provincia, fazer uma administração justa e seus precedentes nos autorizam a crer que, em caso algum, poderia desempenhar bem ou mesmo regularmente o alto emprego em que se acha juramentado. Nós so precizamos e queremos justiça. Deante de uma anarchia feiça que conturba os animos e lança a provincia nas agarras de um captivo tremendo, um governo como o dr. Licinio, veria augmentar tantas desgraças.

A nossa queixa contra o Sr. Jansem vem da justiça que nos negou. Favoros nunca pedimo-lhe nem queriamos de s. exc. Mas não podiamos tolerar que s. exc. tolerasse as immoralidades que temos denunciado.

Um presidente ou faz justiça ou é um monstro.

O governo geral, pois, obrou com rara prudencia e criterio não permitindo que o Sr. Licinio galgasse a presidencia da provincia, na hora critica que atravessamos.

Bem haja semelhante medida, que, denota a confiança que merece perante o governo o actual 1.º vice-presidente. E o Sr. Licinio perdeu o seu vomitorio!

A comedia ainda terá novos actos?

## SOLLICITADAS

### Aproniano de Barros Cavalcante ao seu aggressor.

Publicando no jornal «Imprensa» um artigo, me defendendo das calumnias que a mão da perversidade preparou, e a insolencia de um biltre me atirou, ao meu encontro veio o *multo alto e multo poderoso* Pechincha, mas tão atoleimado e inepto se revelou que, em vez de destruir as accusações a si feitas, limitou-se em dizer que não desce do *alto pedestal* em que a fatuidade e a presumpção bestiaes o collocarão para vir discutir commigo, como se fosse honrar travar discussão com individuos de sentimentos gastos pelo continuo attricto da corrupção e da immoralidade. Contentou-se mais o *rico e nobre* moço em abocanhar e morder a b-m firmada reputação de distinctos cavalheiros, que á seus olhos, têm dois graves e imperdoaveis peccados:—serem liberaes, e não se nivellarem com entes postulosos, verdadeiras fezes da sociedade, que devião, para socego desta, estar purgando seus crimes e vicios no fundo d'uma penitencia.

Não sei por que o *sabio* Pechincha não me dá o direito, e nega-me a faculdade de externar o meu pensamento, e me suppõe capaz de exercer o baixo papel de instrumento de alheias paixões! Se é pelo facto de me julgar por si, engana-se completamente; e se é por que sou pobre, posso lhe asseverar que ainda assim é injusto commigo, pois se deve recordar de que a virtude e a honresidade não são patrimonio da riqueza e da basofia, que muitas vezes só servem para encapar a infamia e a corrupção, encarnadas na pessoa de entes perversos e mãos, que *Deus conserva neste mundo para flagello da humanidade*.

Apezar do pobre, não invejo e menos ambicioso a riqueza e a nobreza d'esse *petit-maitre*, que se tem tornado celebre pela pratica de certos actos, que deslustrão aos homens de bem. Não receio cotejar o nosso procedimento no seio da sociedade; porque me brada a consciencia não ter até hoje praticado um só acto que me faça coar, em quanto que o bandido, que me insulta, não pode dizer outro tanto, sob pena de os factos demonstrarem o contrario.

Não posso saber a causa pela qual não esteja n'altura de oppor formal constatação ás insolencias que um qualquer renegado escreve, e assigna o mentecapto e ridiculo Pechincha que por sua constante *myopia*, diz não me encher, provaravelmente quando vive a *jogar cabra cega*. . . Tem razão.

Eu, porem, que entendo não ser honra a gente discutir com qualquer pessoa communis, estou resolvido a expôr em toda sua nudez as mezellas que cobrem a chaguenta pessoa de um composto de mentiras, e de infamias, e que quer acobertar estas com um titulo de nobreza e com um brazão de armas-adquerido na crapula! . . .

Sem justificar-se das serias accusações que pesam sobre sua pequena cabeça, o Pechincha julga aliar-se injuriando a cidadãos honrados, e nesse

engano d'alma me arremessa o epitheto de infame.

Infame, é o bandido que accusado por suas torpezas, e desregramento de vida, não se defende, e ao contrario a tira-se como um cão damnado, a morder a reputação de cavalheiros distinctos aos quaes não pode igualar e menos emitir na pratica do bem.

Com semelhante ente é que o homem deva evitar discussão. Mas, entendido que não estou privado por isso de arrancar a mascara que te vella o rosto, e apresentar tambem em scena esse cynico, que te prepara as deatribes, para que o publico diga quem é mais asqueroso—se tu, que inconscientemente assignas o amontoado de necidades, ou se elle, em quem pretendo estampar na frente—em letras garrifaeas—o desptico que merece.

Não fujas, cobarde, a pretexto de não encher; pois, apezar de microscopico, com tudo devizo as tuas mazellas, e estou disposto a patenteal-as em publico; e se fores capaz de resistir a uma discussão seria, sae do circulo de canalha, onde te educate e vives, que eu não recuarei.

Não estou disposto a descer até onde assentaste a tua tenda; por tanto, se queres as honras de discutir commigo, sahe, e miseravel seja o primeiro que disser: basta! E' certo que porco não se esquece do chiqueiro; e ja que fallaste na tua *favorita morada*, venho trazer-te a memoria,—como estimulo para criares brio—aquelle facto historico d'un *porco* que existe nesta villa, o qual ouvindo tocar o bombo—corra grumindo, na certeza de que és tú que já te achas montado no porco, e pelo effeito desta, terás de encher a barriga do outro porco que te conhece de longe. . .

Eis a razão porque não te podes esquecer do chiqueiro. Mas, te limpas, e sabe que eu darei a mais formidavel e catholica resposta ás sandices que esse esfomeado prepara, e tú assignas miseravelmente. Emquanto, porem, estiveres no charco, lá não irei eu, e só terei para ti dispreso e compaixão.

Basta por hoje, em outra occasião se- rei bem explicito.

Ficos, 1.º de Maio de 1887.

Aproniano de Barros Cavalcante.

## Coizas.

### Os governos monarchico e democratico

Basta considerar ligeiramente o principio em que assenta o governo monarchico, e o que serve de base ao democratico, para reconhecer-se a qual deve o homem dar preferencia.

O governo monarchico, nasceu da usurpação do poder, que tende augmentar-se successivamente, ouzando impor-se a todos, e considerar-se senhor.

O governo democratico é uma delegação do poder de todos para vantagem commun da sociedade.

O primeiro sustenta-se pela força, pela violencia pela guerra; o outro mantem-se pelo respeito a todos os direitos, e por um systema inalteravel.

O primeiro tende sempre a aviltar, embutecer, e empobrecer o povo; o segundo considera o homem em seu proprio ser, o eleva, o educa e o enriquece; porque a riqueza da nação vem da riqueza de cada um de seus membros.

O rei avalia sua prosperidade pela quantidade da renda que arranca do povo, e por isto os tributos augmentam para ver o orçamento crescer de dia a dia prodigiosamente;—a democracia faz sensivel a sua excellencia pelos poucos tributos, que exige, e deminuição constante da parte da renda do estado.

O rei complica o maquinismo governativo, criando um grande exercito de funcionarios para

augmentar as dependencias; em quanto que a democracia simplifica a administração não carga o estado de funcionarios inúteis.

O rei tira toda a acção individual, tutela o povo, regulamenta todos os actos da vida civil e politica, e a democracia deixa ao homem toda a sua acção individual, e apenas superintende em ordem a evitar, que as paixões ruins prelominem.

E a distincção que muito deve ferir a razão do homem que pensa é, que o regimen monarchico é hereditario, e o democratico representativo, o regoita toda hereditariedade, não só como uma imposição, mas tambem como insuficiente aos fins para que o governo é necessario.

Quem poderá provar, com que direito se estabelecem o governo hereditario? Nem um homem tem o direito de o estabelecer; porque nem um tem o direito sob a posteridade em facto o direito pessoal.

Sob que fundamento se pretenda privar as gerações a vir de se governarem como lhes approve?

Todo o governo hereditario é por sua natureza tiranico, é um opprobrio para a humanidade de-de que se a considera uma propriedade, fazendo-a o patrimonio de um homem e de sua familia, que a pode herdar como a um bem material qual quer, como a uma manada de porcos.

O governo hereditario é insufficiente aos fins para que foi o governo devendo sempre ter o completo desenvolvimento da força intellectual, sempre superior a todos os accidentes a que o individuo está sujeito, isto não se pode dar na successão hereditaria.

Na monarchia hereditaria a successão é fatal; o filho mais velho do rei succede-lhe necessariamente; e portanto, qualquer que seja sua idade, qualquer q' seja sua moralidade, o povo que herda por morte de seu pai o deve soffrir, do que resulta, que os reis succedem não como entes racionais, mas como animaes.

Temos exemplo em casa. A Pedro I succedeu seu filho na idade de 3 annos; e na de 14 uma revolução autorizada por elle o fez governar este grande imperio, quando qualqu' homem abito para administrar somente sua pessoa carece completar 21 annos.

Na idade de 14 annos, qual podia ser a intelligencia e moralidade do actual imperador?

Assim, o caracter moral dos reis, e suas faculdades espirituas, são cousas indifferentes.

Eis a razão porque na monarchia o homem desce a tanta abjeção; sendo esse governo fundado em tão abjecto nivelamento ninguém procurou elevar-se pelas qualidades de seu espirito, basta saber agradar ao soffrer resignado ao senhor que o tem hereditado. Vê-se pois qual contig'encia faz que governo hoje seja uma couza e amaldiçoa, porque dep'ende do caracter de cada successor, e está sujeito a todos as variações de cada um d'elles; apparecendo sob os diferentes caracteres da infancia, da decrepitude, e da demencia q' um ente nos braços do que o amamenta, ou andar apoiado em um bastão.

E' Pedro II na idade de 14 annos dominando, sobre homens feitos, e impondo ao seu primeiro ministro as prevenções da sua sabedoria e experiencia de seus ministros, e logo demittendo-os; porque ouzará por duvida a justeza de suas apreciações.

Desde que a experiencia de muitos seculos demonstra, que a virtude e a sabedoria não são apanagem infallivel dos reis, o successor hereditario e a força do governo mais ridicula, e ultragante que se pode imaginar e a natureza protesta contra o systema hereditario; zombando dos successores, que em todos os paizes não estão a par das luzes do dia, encontrando-se sempre no imperio intelligencias, illustrações superiores as do monarcha; zomba tambem d'esses senhores hereditarios dos povos fazendo a uns tiranos, a outros imbecis, a outros locos, e a quasi todos = tiranos, imbecis e locos ao mesmo tempo. A inutilidade da monarchia so demonstrou pela sua hereditariedade.

Fazei hereditario qualquer officio, que exija saber e habilitação; dizei ao filho do musico, e musico; porque teu pai o foi, canta, toma este instrumento toca;—fizei ao filho da sapateiro, e sapateiro; porque teu pai o foi, trabalho como elles. Ser-lhes-ia impossivel.

E' que o officio de rei será de natureza tal, que bôla a intelligencia seja sufficiente para exercê-lo?

O que é pois o vosso systema hereditario? Vos o apresentaes sob o ponto de vista mais ridiculo d'esse que declaraes que o officio de pode ser exercido por um menino ou por um louco.

Para ser alfaiate, sapateiro, barbeiro, & é mister algum talento, para servir segundo vosso systema hereditario basta ter figura de homem, e ser uma especie de automato.

A Reação

Para os exms. srs. presidente da provincia e dr. chefe de policia verem e providenciar.

Vivem os habitantes da cidade de Caxias completamente horrorizados ante a perspectiva que a cada momento lhes offerece o idiotismo de seu delegê e o seu procedimento illegal!

A arbitrariedade se pratica aqui com uma especie de impudencia admiravel!

A lei é o poder, e ou poder é a lei e a lei é martyr!

A carencia de tempo, difficulta nos uma analyse succinta de uns tantos acontecimentos que nos veio a memoria. Consta-nos que o nosso tal delegê dando amplexo com mr. Daniel «não é o propheta da Escripura!» sendo de notar que este affavel sr. não é mais nem menos que o carcereiro da cadeia desta cidade.

Com effeito estes dois são tocados pelo Grande Espirito!

E' uma verdadeira calamidade!

Com a passagem da Balsemão, nesta cidade, lembrou-nos um fragmento de uma scena comica:

— Não estará por ahí o delegado?!

— Que da verba secreta toma o seu bocado!

A consciencia imparcial do sr. dr. chefe de policia, conhece o nosso delegê ao pé da letra, não pôde duvidar dos d'sman os q' ha praticado ultimamente; portanto reclamamos urgentemente providencias.

Nestes dias deu o sr. Antonio Candido da Cunha, queixa contra o tal delegê por crime de responsabilidade. Contamos com a imparcialidade do dr. juiz de direito interino da comarca, pois s. exc. deve considerar e pensar acertadamente no seu despacho.

O seguinte será mais uma prova irrecusavel dos desmandos da nossa policia meoh-rente!

Illms. exms. srs. presidente da provincia e dr. chefe de policia.—Martinho José de Sant'Anna cidadão brasileiro, residente nesta cidade de Caxias, usando do direito que lhe confere a lei, vem perante a ss. excs. representr contra o carcereiro da cadeia civil desta mesma cidade, pelo facto criminoso que passa a expor.

O supplicante foi preso e recolhido á cadeia, sem que tivesse commettido crime algum, salvo se a autoridade policial, mesmo assim sem razão, usou da faculdade do art. 63 do Reg. n. 120 de 31 de janeiro de 1842, o que no rigor do direito não é uma prisão. No dia seguinte ao de sua prisão o mesmo carcereiro, contra o preceito do art. 28 do Dec. Reg. n. 4824 de 22 de novembro de 1871 e da clara determinação do art. 164 do Reg. n. 120 de 31 de janeiro de 1842, prendeu o supplicante a uma prisão corrente (grilheta) amarrada ao pe-coço, e assim bem seguro, como se fosse um condemnado a pena de galés, obrigou-o a fazer o accio das prisões em cujo serviço teve de percorrer algumas ruas da cidade.

Parece ao supplicante que assim procedendo o mesmo carcereiro, commetteu o crime previsto pelo art. 145 do cod. crim., além de o ter exposto a irrisão publica o que uma injuria!

Testemunharam este facto, que sem comentario offerece a illustrada apreciação de ss. excs. os cidadãos: Miguel A. campo de Lemos, Philippe Dias Santiago, Andre Philippe Nery, Loriana Mathias da Costa, e Augusto de Sixas Donato.

Assim pois o supplicante—P. a Vv. Excs. que se dignem apreciando a natureza do facto, proceder como de direito for.—E. R. Mes.—Caxias 24 de Maio de 1887.—Martinho José de Sant'Anna.

Com vistas aos Exms. Srs. Drs. Presidente da Provincia, e chefe de Policia

Indo nós, hoje, a cadeia publica d' esta villa, visitar a um preso que por gravemente doente foi pelo dr. Juiz Municipal da Parnahyba, remetido para aqui, ficamos horrorizados pelo estado de desmoroamento, e infeção que reina naquella miseravel pardiheiro que o sr. Firno da Silva Raposo actual delegado de policia da o nome de cadeia publica.

O solo completamente immunda lo pelas grandes chuvas que tem havido; o lamaçal e entulho de lixo que se encontram por todos os lugares; os miasmas d'leterios que exalã d'aquella immunda espelunca annunciou-nos que alli está sendo e será o centro de todas as molestias epidemias que aqui tem se desenvolvendo.

Os infelizes presos, verdadeiras mumias, apresentam-se á nossa vista com a magrem, amarelidão, e olhares estupidos, d'ixando-nos seriamente compungidos!

Do sr. Firno da Raposo actual delegado de policia, se compraz com tão horripilante espetaculo!

E mais radiante se mostra quando anda fora do serio que é quase sempre

e manda ensinar naquelle saladero á todo e qualquer sujeito a quem provoca wêdo pelos seus gestos de saquinã

Osr. capitão João Luiz Pereira Brandão contratante com o governo provincial e por consequencia dono inonimê do miseravel tugurio chamado Cadeia, já preparou outra casa, secca, bem arejada, em um local agradabellissimo, toda hygienica, e com accommodaçõ-s necessarias para servir de cadeia e quartel para o destacamento, e põ-la a disposição do sr. Firno Raposo, para fazer a mudança, não havendo augmento nos alluguis.

Mas o sr. Firno Raposo que cuida mais em fazer folhetos contra seos desaflectos, mandando tarde da noite pregal-os pelas esquinas pelo seo ordenança Antonio Gonçalves, e dominado pelo eterno coragem que o acompanha, e mesmo por ser parte interessada visto ser o dono da casa que serve de cadeia, e que lhe rende 89000 reis mensaes, não valendo 19000 reis, tem se negado fortemente a não querer fazer á mudança, por que diz: não quer, pode, e manda.

Entendemos, e mui logicamente, que á cima d'esse illustre policial, que se chama Firno da Silva Raposo estão os exm. srs. presidente e chefe de policia da provincia, a quem rogamos para pedirem officialmente informaçõ-s do que estamos dizendo, aos srs. supplente do juiz municipal em exercicio, subdelegado de policia, e commandante do destacamento desta villa, que temos plena certeza que todos, elles seram contestes conosco, em affirmar que estamos escrevendo e dizendo a pura verdade.

Apresentamos tambem o testemunho do sr. capitão João Serafim da Silva, que segundo consta-nos é um dos mais interessados pela mudança que estamos tratando.

Da nova casa apresentada pelo sr. capitão João Luiz Pereira Brandão, pode muito bem dar informações o exm. sr. dr. Simplicio de Souza Mendes, porque n'ella foi a onte esteve hospedado durante o tempo que por aqui se demorou com sua exm. familia.

A vista do exposto, acreditamos que as providencias sejam dadas porquem de direito, e que a mudança da cadeia e quartel será logo e logo ordenada, para salvagão das vidas dos presos e soldados, como mesmo para que por uma vez de-apareça de entre nós, este verdadeiro viveiro de epidemias.

Amarração, 23 de maio de 1887.

Sargento A. do Amaral

P. S. Além do testemunho publico, temos mais o do sr. dr. Joaquim E. da Costa Sampaio, medico do partido publico da cidade da Parnahyba, que indo visitar um pobre preso doente que ali se acha recluso, ao entrar na quella nojentia immunda e lamacenta espelunca, teve horror e retirou-se as carreiras temendo ser accommettido ao mesmo asphixiado de alguma febre typhoide.

Piracurca, 23 de Maio de 1887.

Ao exm. sr. presidente da provincia.

E' collector das rendas geraes e provincias desta villa o sr. tenente Pedro Melchiales de Moraes Britto, que é primo por serem filhos de dous irmãos, do escrivão das mesmas collectorias capitão João Pedro de Britto Fontenelle.

Explicando a circular do governo n.º 31 de 2 de julho de 1883, que não podem servir, como collector e escrivão na mesma collectoria parentes ascendentes, descendentes, ou collateraes ainda mesmo por affinidade, (circular citada) como é que aqui estão servindo, contra esta dispoção, pri-nos consanguineos? Chamo a attenção do exm. sr. presidente da provincia para este facto, e espero que s. exc. compenetrando-se do dever de administrador criterioso fará justiça

sanando esta falta, não d'ixando continuar tão importantes cargos no poder de uma só familia.

O imparcial.

Que situação!

E' de todo irrejavel a situação em que se coll-con o vigario do Amparo o sr. conego Honorio Saraiva!

Hontem com um fôlo discurso em casa do dr. Arêa Leão, perante o eleito-rado dava cavaco do rebate falso que corria n'esta cidade de que s. s. não era verdadeiro adepto a causa conservadora, dizendo-se conservador desde o berço e entregando-se inteiramente de corpo e alma ao partido que ha pouco havia tomado as redeas do governança; e hoje em opposição ao mesmo, pertencendo á um grupo que diverge da opinião geral, desprezando aos amigos que lhe derão emprego, que sempre o defenderão, o que mais ou menos o sustentavão.

Que ingrato franciscano!

A «Epoca» que o ia defendendo sabe Deos como, immoleceu e deixa que s. s. fique com as honras do cão amarrado a chuva.

E nem podia deixar de ser assim. Os maos por si se distroem.

A «Imprensa» por sua vez dá-lhe tacadãs tão cru-s que até as pedrinhas gemgemem.

E' assim mesmo, sr. conego, s. s. lembre-se que mudou a casaca, e n uma occasião tão impropria....

A «Reforma» inda não cessou de bradar.

Diz que s. s. não sabe a materia que lecciona na Escola, que não pode ser victalicio em duas Provincia, e... agunte-se no balança.

O «Telephone» lhe tem dado apertados abraços.

Que situação critica, sr. conego!

Que posição melendrosa para s. s.!

Pois bem: mais uma:

Quando ha poucos dias aqui chegon um telegramma noticiando a absolvição unanime do Arêa pelo supremo Tribunal de justiça o conego Honorio correo pressuroso a casa do sr. Dr. e lhe deu um apertado abraço felicitando-o. & Foi o beijo de Judas, com uma pequena differença de que Judas foi traidor antes e na occasião do beijo, e o conego, antes, no beijo e depois do beijo!

Pode-se hoje deser foi traidor dos dous partidos e de seus proprio parentes.

Vai bem, vai bonito conego, continue.

SRS. REDACTORES DA «REFORMA»

A illustre e sympathica redacção da «Imprensa» honrando-nos, com a publicação do nosso artigo, inserto em seu numero 961, de 19 do mez preterito, não se quiz dignar responder a pergunta que fizemos no p. s. com que fechamos o nosso referido artigo.

Com quanto fosse o nosso proposito não voltarmos ao assumpto, antes que soubessemos se o nosso illustrado patricio dr. Cesar era poeta, e se engraçado chorudo Peracuruquense, car espondia o pedido que lhe fizemos, todavia, dois motivos poderosos veio demover-nos do nosso cujo referido supra citado proposito. Eis os casos:

Primeiro. Os nossos amigos Jovenal e Lourencinho, encapoiarão-se porque arrastamos os seos sympathicos e respeitaviss nomes a aquella discussão. Ora, nós que, em extremo apreciamos a estes amigos, que não desejamos, nem por pensamento quanto mais por palavras, offidel-os, não p'demos furtar-nos ao dever de vir solemnemente apresentar-lhes o nosso cavaco e ao mesmo tempo justificar o nosso procedimento.

Declaramos por tanto alto, e bom som, com todas as forças de nossos pulmões, que quando envolvemos aquelles amigos na apreciação que consou-nos trem elles feito ao discurso do dr. Cesar, não tivemos em vista lançar-lhe o menor ridiculo, e muito menos debical-os.

Elles mostrão-se enfadados e sentidos, srs. redactores, e chamão-nos de michiriqueiros, por que, dizem,—não precisava levar-nos para o jornal aquilla cassada do highlife, tanto mais quando o Cesar pode ficar com rava dellas.

Mas isto não tem lugar, vv. ss. não acham? O dr. podia, quando muito se zangir c'onos; mas nunca com aquelles amigos.

O homem manifesta recciosos mais extravagantes! Diz que está certo que a desgraça delle está feita, porque sabe m suoo que o Cesar agora fica prevenido com elle e que ha de procurar sempre uma occasião de fazer-lhe mal. Tem mostrado desejo até de mudar o nome, e diz que se desce-r de Picos pra baixo, macacos lhe lambão no olho, se elle se chamar mais Lourencinho.

De hall-temos procurado desvanecer o de tão tristes apprehensões. Ultimamente, consta-nos que elle passou a mão da penna, e escreveu ao major J-remias, desendo que não tinha sid' elle quem d'ss: que o mesmo major costumava s'acanh-ar. E' um homem agoniado e nosso amigo Lourencinho!

Ja o Jovenal não é assim. Inteligente, e estudioso e cheio de conhecimentos este amigo é quase um doutor.

Só nos parece que elle não lêo com muita attenção o nosso artigo; do contrario não descobriria nelle offensa a sua pessoa. E' verdade que elle manifesta os seos resentimentos de baixo de maçoia, não nos constando que ja nos houvesse offendido; mostra-se apenas m'galo, reccioso de que as suas apreciações não tenhão ido mecher com as melindres e susceptibilidades do dr. Cesar.—Diz elle que o seo maior reparo é por termos fallado na maldictio high life e m'ltos m'morez; porque não só não lhe era extranho a procedencia e significação da quella palavra, como por que na referida discussão fallou foi em indios amozés; pois nem da geographia de Pompeu e nem na importante obra de Julius Vernes.—Os viajantes do 18 seculo—falla-se em mamores; que este nome, só depois da subida dos conservadores ovvio fa lar nelle, por ter sido chamado para o ministerio o Barão d'aquelle titulo—acresceta ainda que só para bulir e pochar pelo Lourencinho foi que entrou em semelhante discussão, do que já se acham multissimo arrependido, e ainda mais por termos adullrado o enredo, acrescentando cousas de que não se fallou.

O Libano e o João Murogoça, garantem e jurão que assistião a discussão e que ella corrio talqual nos referimos; assim como que só quem ponde descobrir a origem e significação do endimnado high life, foi o Lourencinho, n'um d'iccionario portuguez, chamado orth-graphico...geographico ou outro nome assim parecido.

Cada vez mais fuchucos, mais confusões por uma cousa tão simples! Ah! esta o diabo dos empolamentos do dr. Cesar, em que veio a dar.

Nós não quer-mos mais entrar em semelhante furdango, m'smo porque: Quem deo seo nó que o desare. Lá se arrumem. O dr. Cesar... se quizesse, era quem podia vir derramar luzes, sobre tantas duvidas e confusões.

Crems ter dito quanto basta para que os nossos amigos Jovenal e Lourencinho, scientificamente se plenamente de que nunca tivemos em vista offendel-os; e que agora só lhes resta pedir-nos perdão do mau juizo que a nosso respeito precipitada e impensadamente, fizeram.

Passemos ao segundo ponto.

Logo que chegou a villa de Picos, o numero da «Imprensa» que trasia o nosso referido artigo, recebemos d'alli a carta, que abaixo fielmente transcrevemos.

Illms. Srs. matutos.

«Aparei muito a redacção da foia imprensa não ter dado melhor importancia a pergunta de vv. ss. não arrespondendo se aquelle moço futuriador é poeta. Eu como vv. ss. sabem tambem intilijo em negocio de poesiinhas e por esta razão dezo ainda não achei cabra que eu não b'besse. Tanto se m'la acebo cumca cai dos quartos, pra mim tudo e puage, por que eu entrando no basio depois de me basilhar, tanto glosso na tinta, cumca na gibeira, cumca na divina cumca na unana. Sou uma bicho danado, sou m'u, sou cru. Por isto queria e convidado pra nós vadilha um bocadão. Um camarada aqui me dixee que vv. ss. talvez subsees resposta da pergunta por outras vilhas, por isto resolvi mandar-lhe esta peimio para antes de bulirem com a istora do onça, mandarem ao moço o molte abaixo para elle glozar.

Eu tambem vou molte a caia na mesma fulapa e é na tinta por isto vv. ss. avistem a elle para depois nos confiri a bobage e v'ha pra quem a sorte da. Só não quero e que elle venha com deabo do high life flomulas em telhas m'ltas e outras churumellas dest' ordem, porque minha lingua não ajuta e m'smo eu gosto de descorré e na brasileira veia. La vai o molte.

Bonca o porco geme a ema?!

Caxinga o t'mandú,?! Berra o bode,!( ) átraz da cabra—Xêra-a vaca o marrua?! Ah danado pontbei bonito! Deixa o menino vim, mitio no colo de vid'ntemente. Chega estou p'ncando. Vamos vê a trovoadã, sae sinza. Não tem nada não m'ocroo m'o rigo velho, b'beio de rijo... está de-graçado!

De vv. ss. cr. obr. obrigmo.

H. C. S. M.

Picos 1.º de abr l.º de 1887.

Eis srs. redactores os motivos por que vimos a gora a sua presença. Por esta forma pretendemos alcançar, não só desfazermos os reparos dos nossos amigos Jovenal e Lourencinho, como satisfazer ao nosso correspondente, aqu-m desd' ja garantimos, que não buliremos por ora com a historia da onsa.

Vamos agora dizer uma couza a vv. ss. mas é em segredo, ja ouvio? Vv. ss. olhe não me descubra não. Nós comprehendemos que estes formados... (vv. ss. não se zanguem não) são uns esp'ralhões... Em quanto as cousas andão pra banda de nós matutos, está tudo muito direito—que levemos o diabo... mas pendêo no rumo delles meo deus! assanhão-se logo que é mesmo que bulir com uma casa de maribondos. Tem logo um barulho de amor de classe, espirito de coleguismo e outras futricas que taes, que só ell's mesmos se entendem. Temus meia desta gente, como o diabo da

ernz! Só nos encherão, quando querem o voto, ou para... vv. ss. bem nos entendem... Ao dr. Cezar, não dizemos nada, não; mas a vv. ss. prevenimos uma couza—Achavamos conveniente elle não aceitar o cartel que lhe lança o vate Picoense. Tudo aquillo que o malvado diz é mais que verdade. Se o jovem magistrado na poesia for como da prosa, estamos callados, pelo contrario ficara desgraçado mesmo como o p. et. diz. Nós que já o conhecemos, parece-nos ver o arrojio com que atira o pegaso em procura do bacharelzinho...

E uma couza, srs. redactores, aquelles Picos tom isto: custa a produzir talentos, mas quando aboita é um genio...

Então tem para aquellas bandas um tal de Bôqueirão, que é um verdadeiro Parnaso. E' d'ahi d'onde é filho o nosso poeta, e onde tambem teve o herço o excellentissimo, eminentissimo e s-pi-entissimo, sr. Antonio de Souza Martins.

Tendo aquelle solo por ahi é fertil e abençoado. Tranqueiras que é fazenda limitrophes com a patria do 1.º secretario da camara geral, é um dos milhoes logar-s do Piahy, para creação de gados. Os bois alli são immensos.

Conta-se que pelas eras de 1845 a 1846, epoca em que nasceo o dr. Antonio C. Rodrigues, encontrava-se em partes d'aquellas fazendas um boi enormissimo, tendo em um dos chifres um tubyão gordo, que deitou 27 garrafas de mel, 17 libras de cera e 7 de samburá!

O dr. Coelho, em 1857, quando, já *taludo*, estudava no Paulista, vibrou os primeiros acordes de sua lyra, cantando em versos, repetidos de entu- siasmo, a fama do boi seo conterraneo.

Ainda hoje consta-nos existir um parente velho do nosso futuro ministro que conserva esses versos como uma preciosa reliquia, não cedendo delles, copia a ninguém.

Uma pessoa que já os vio recitar, affirma nos ser um primor.

Mas é, srs. redactores, transviamo-nos muito do nosso principal objecto. Causas de matutos, vs. ss. desculpe-nos, a-renditando que nós d-scendo a estas municipalities, é nosso fim por vs. ss. bem apaz de todas estas circumstancias, para depois, caso entrar os homens na *liga*, poder vs. ss. apreciar as cousas com os devidos pesos e medidas. Temos ainda em vista outra couza. Não queremos por forma alguma d-sagradar ao dr. Cezar; dese- jamos até ser-lhe sympathicos. Se elle for homem que conheça gratidão, não pode deixar de nos ficar agradecido.—Quando se entrar inexperiente e empensado em uma luta, n'um campo ineulto e desconhecido, muitas vezes é na derrota que estão o louro e a gloria.

Quando um homem nas condições do poeta Picoense lança com tanto arrojio um reptio tão solenne a um desconhecido, é por que tem muita consciencia de si. Nos achamos que elle foi muito precipitado; não foi por que não o suppon- hamos capaz de enfrentar a qualquer collega. mas... por causa das velhacadas desses... formados... Para fallar logo com franquesa, q-rem saber de uma couza? Nós só temos receios é que o dr. João Leopoldino la do Sr. Raimundo Nonato, não tome as dores pelo dr. Cesar, e não venha abduzear a nosso poeta com as suas *arvores genealogicas*; e não queira depois nos con- vencer, em versos, que o seo exem. tio, é neto ou bisneto d'aquelle boi do *tuby*.

Esta ja vae de solia e vira, sr. redactor, v. s. desculpe.

Os Matutos

Jaicós, 8—6—1887.

P. S. Srs. redactores? Esta bom. Queriamos lh s perguntar uma couza, porem fica para outra occasião.

### UM ARBITRARIEDADE DO ACTUAL DELEGÉ DE CAXIAS.

O dia 21 de maio foi a cidade de Caxias surpresa por um dos arbitrios que pratica constantemente o seu actual delegé!

A tarde desse dia foi para o memoravel delegé segundo o vulgo *Miquillano ou tira-manha*; uma dessas que re- bentam trovoadas por casa, e que o *co- rrisco* penetra ás pipas dando-lhes gran- de Caiza de seus contendos!... mas a lei foi nessa tarde, de preferencia, cal- cada aos pés e monoscabado o direito dos cidadãos.

O facto seguinte mostra não só a pre- potencia do tal delegé, como a sua incapaci- dade como autoridade:

Foi á casa commercial do sr. Antonio Candido da Cunha, um cabôclo pagal-o, aquelle dá-lhe um recibo de saldo de contas, estes recusou acceptal-o por não estar a seu gosto e foi queixar-se ao tal *homerico delegé*, este mandou chamar a Antonio Candido e obrigou-o a passar o recibo como queria o tal cabôclo. Depo- is de passado o recibo, mandou recolher a Antonio Candido!! Em?...

Que justiça!  
Mas nos que sabemos porque foi recol- hido esse moço injustamente, apenas

lembrando ao typo do tal delegé este no- me: Carnaval..... perguntamos aos illustres advogados dessa capital o se- guinte:—1º—Si esta questão interamen- te commercial e particular, era do car- go da policia?—(2) 2º—Si um agente policial pôde insultar a qualquer cidadão, si ha lei a que tal lhe faculte?—Si um carcereiro, pôde cobrar por occasião da soltura de um preso, qualquer quantia, si ha lei que isso faculte?...—4º—Si um agente de policia pôde prender a um orphão, sem consentimento do juiz d'Or- phãos?

Tudo isto, é verdadeiro, verdades in- contestaveis, acontecimentos horrorosos!

Depois deste acontecimento e tendo já o paciente requerido *habeas-corpus*, o delegé mandou soltar-o sendo isso antes do despacho do dr. juiz de Direito, as- sim mesmo a conselho de alguns adep- tos seus.

Entretanto o paciente prosegue pro- curando seus direitos para queixar-se contra taes abusos horribes!!

E' justo.

E o illustre delegé que continue com as suas prepotencias, que um bello dia lhe faltará a *potencia*, ficando s. s. so- mente com o magro e anemico *pré*!

A lua-cheia.

### CAMPO MAIOR.

Na «Epoca» de 20 do corrente mez, debaixo-da epigraphie *L'homme de paille*, deparei com um escripto do sr. Joaquim Nogueira em phazes bastante offensivas dirigido João Pacheco.

Sendo este o nome com que sou co- nhecido neste municipio e eu alguns ou- tres desta provincia, sou forçado por amor de minha reputação a esclarecer ao pulico que deixo de responder ao re- ferido escripto por não ser a mim diri- gido segundo verifiquei de sua leitura, visto como, além da nunca ter tido dis- cuções com o sr. Joaquim Nogueira, nunca fei collecter do Corrente a quem se referio.

Para não acarretar com o peso de acu- sações que não me toca, peço lhe o fa- vor de seus escriptos com relação a Jo- ão Pacheco, esclarecer a pessoa a quem se dirige, servindo do nome com todos os cognomes, a fim de evitar em ser por alguém attribuida as suas acusa- ções.

Campo-maior, 27 de maio de 1887

João Antonio Pacheco.

### GAZETILHA

#### CAMPO MAIOR.

Escrevem-nos:

A Izabel, anasia de Vicente Paixão, mandou dar uma surra na mulher de José Campello da Silva e o celebre delegado Coriôiano Pratis, negando-se a proceder corpo de delicto, mandou-o fazer pelo subdelegado José Cyrellino, que nome- ou dois peritos especiaes, José Masaco e Manoel Barbosa, os quaes, com o maior escandalo, nega- ram na offendida a menor offensa physica!

Deante de semelhante infamia, o infeliz José Campello, resolveu se ir a essa cidade queixar- se pessoalmente ao presidente; mas é de crer que s. exc., na forma do costume, nada determine contra os criminosos, gente sua!

Agora mesmo esta villa acaba de ver um acto que a encheo de espanto pelo cynismo com que foi praticado. Não podendo, salvar-se a valente Izabel por outra modo apzaz da proteção desmediata que lhe votam as autoridades policiaes, apresentou-se na caíra, que surrou a mulher de Campello e requereu que lhe fosse feito um acto de pergunta, pois fora elle quem surrara a infeliz mulher, chegando o seo cynismo a ponto de difamar a honra da desgraçada s-nhora!

Desde que houve surra houve offensa physica e no entanto os policiaes nada viram no corpo da infeliz! Veremos em que tudo isto vai parar.

#### MUZICA POLICIAL

Os muzicos de policia estafam.

Desde que ascendeu á cadeira presi- dencial o Sr. Janssem Mattos, cujo gover- no se ha celebrisado por umas tantas decorações espectaculosas e ridiculas, aquelles pobres homens não tem um

momento de descanso.

As 6 da manhã vão para a fábria em palacio, chefatura & don-de voltam ás 11 do dia para os ensaios no quartel, que só deixam ás 2 da tarde, ahi o de- tomarem algum alimento. Depois fazem o serviço da noite ate 4 horas da madrugada. Isto, sem tratar das to- rras do estylo, as quintas e domingos, das novenas, nas festas publicas e mes- mo particulares, porque o Sr. Janssem cede gratuitamente a muzica a todo mun- do, prejudicando assim os cofres pro- vinciaes em quantia superior a 3:000\$ annuaes.

D'ahi alguns muzicos, d'antes ho- mens briosos e trabalhadores; hoje des- gostosos, acabrunhados pelo excesso do serviço, com os labios fendidos pelo re- petidos execuções a que são forçados, sem tempo para dormirem, entregam-se a bebedias alcoolicas, perdem o estímulo para tudo.

Por outro lado a muzica que temos, está bem longe da muzica de outros teut- pos boa, agradável, satisfatoria. O mes- tre actual segundo nos informam sabe ap- penas executar um instrumento, não po- dendo desempenhar o trabalho de com- posição, que é o principal.

E' tempo de cessar essa ordem de cousas. O Sr. Janssem deve convencer- se que a ninguém mais engoda com a sua triste administração cheia de muita corneta e de muito palavreado. A farça está terminada. Chovem sobre S. Ex. os appos de todos os credos, e até o orgão neutro recolheu-se aos bastidores.

Retirem-se, pois, do scenario as deco- rações pulhas e grotescas. O auctor de tanta palhaçada deve quanto antes eclipsar-se.

#### DESCOMPOSTURA.

O pulpito que foi antigamente chamado a *cadeira da verdade* vae sendo convertido por certos padres em cadeira da diffamação. Para só fallarmos no que nos diz respeito, regis- tramos a desandadella que nos passou, ha poucos dias, o reverendo conego Honorio José Saraiva, do pulpito, por occasião da novena. Não somos offendidos pelos gritos illogi- cos, sem grammatica nem bom senso com que o reverendo conego ensurdece, sem commo- ver, os que vão a novena aos sabbados. Mas era melhor que fosse debatido antes um ponto theologico do que a nossa folha, que não soffre com o seu silencio na imprensa nem com as suas descomposturas do pulpito. E' sim- plemente profanar o templo, desrespeitar as ima- gens fazel os theatro e ouvirtes de oburgata- rias mudanas, filhas de odio que nos vol- ta, a monumental pregador de voz estentorica. O povo porem não se assusta com s. revm. por que conhece-o bem. Nós tambem o co- nhecemos. Como s. revm. não é letrado, dev- mos dizer-lhe que não ha immundade de pul- cito, isto é, as offensas do pulpito são offen- sas puniveis. De resto, prosiga o sr. conego a doutrinar as suas ovelhas com descompos- turas. E' bom emprego de piedade, este.

S. RAIMUNDO.

Na epoca do sabbado passado veio o coronel José Antunes Piahylyno contra os nossos amigos da S. R. Nonato ferindo-os de uma maneira inpro- p-ria e descorrez. Aquelles amigos não devem se alterar com os alevés e doctos de um inimigo rancoroso que não escolhe armas para ferir aos adversarios.

O seu artigo é um fastidioso libello, que assaz- mente demon-stra a sua falta de senso e confirma a sua culpabilidade nos tristes ac- ntecimentos de S. Raimundo porque não vimos mais a sua proposi- ção em todo seu arancel que se possa qualificar de defessa. Prova apenas que tem sido ultimamen- te desmascarado pelos artigos que s'ali tem vin- do verberando o seu modo de proceder incorrecto e d-sagradado. Isto que o coronel Piahylyno a- cabo de repisar na «Epoca» já foi publicado por elle proprio ha uns 3 ou 4 annos quando teve solen- ne desmentido do T. coronel Modesto Vas da Cos- ta, portanto não merece mais as honras de uma teopsta; contudo o publico imparcial e morali- sado aguarde-se para vel-o brevemente confundido. Os empregados desta situação respondem as acu- sações que se lhes fazem, com descomposturas plebeas e prostibulares. É uma das feições d-lla. O coronel Piahylyno é um heroe de cem batalhas e seu nome terá a immortalidade devida. É um homem pifioso. É pena que não seja compadre do sr. Janssem.

#### Crime horreroso.

Acabamos de ser informados de um facto que nos encheo de horror. Lini-

tamo-nos a mural o na sua medonha nu- dez, chamado para eide as vistas dos poderes do estado, maxime sendo, como nos garantiram pessoas da localidade, o barbero que o praticou avesado na pra- tica de actos pifiosos.

No dia 25 do passado apresentou-se ao illustrado dr. Juiz de direito de Oei- ras, a mulher de nome Militana, de *prop- riedade* do major Ricardo Rodrigues de Souza Martins, surrada e trazendo ao pescoço uma corrente de ferro de peso de 25 libras! O intregro magistrado a remettera ao dr. promotor publico da comarca, que requera o corpo de delicto perante o dr. Juiz municipal do termo, sendo peritos os distinctos facul- tativos drs. Aurelio de Lavour e J. Sacra- mento. O corpo de delicto tem de ser remettido para Picos, lugar do delicto; mas é natural que o promotor da comarca não proceda contra o crimino- so, irmão do suzerano do partido con- servador desta provincia, o descommu- nal juriconsulto, dr. Antonio Coelho Rodrigues!

Acrescentam passos bem informa- das que o movel de semelhante e barba- ro procedimento, digno da mais severa punição, foi a repulsa as libidinosas cari- cias do desalmado irmão do grande juris- consulto.

Esperamos mais amplas noticias.

Por ora apenas noticiamos o facto, chamando desde logo as vistas das auto- ridades sobre elle, a fim de que não fi- que impune. Conviha que o Sr. Dr. Janssem mandasse para Jaicós um pro- motor formado, alheio as lutas e influ- encias locais, que criarão mil obstaculos á boa marcha da justiça.

A não ser o intregro dr. Juiz de direi- to de Oeiras, aquem a desgraçada Milita- na apresentou-se, teria o crime sido a- bafado. Desta vez, porem, o major Ri- cardo, irmão do dr. Antonio Coelho Ro- drrigues, não fugirá a sanção penal.

Bem haja o illustre magistrado que mais uma vez tornou a lei uma realidade para os grandes criminosos.

Pedimos providencias energicas. Ao Sr. Janssem manter o promotor de Jai- cóis, a cuja comarca pertence Picos, des- confiamos do resultado do processo, por que esperamos toda sorte de protecção ao grande irmão do grande juriconsulto.

#### BENJAMIM RUBIM

Este nosso amigo acaba de publicar no Recife um folheto sobre a Psychologia da Imprensa Brasileira actual. Mais tar- de, logo que lermos o novo livro, nos externaremos a respeito.

#### Decisão Justa

A relação do districto, despresou unani- mem-nte o agravo interposto pelo cele- berrimo promotor de Jaicós, da sentença do illustrado juiz de direito da comarca, nos-o importante amigo dr. A. Teixeira Mendes, que condemnou-o na restitu- ção da quantia de 400 mil reis extorqui- dos á uns pobres orphãos. Temos in- cessantemente pedido a demissão de B- de Alencar como uma medida reclama- da pela justiça e moralidade publica; mas s. exc. sempre surdo aos nossos recla- mos, caprichosamente conserva no exer- cicio de um emprego importante, um po- bre homem ignorantissimo que perante um governo moralisado e criterioz, não seria aproveitado nem para official de justiça.

Felizmente nem tudo está perdido.— O poder judiciario, apesar das tentativas bruties, das tristes scenas sanguinolentas com que os agentes do sr. Cotegipe procurão abatel-o e desmoralisal-o, conserva-se altaneiro, acolhendo com justi- çã os gemidos de tantas victimas que por toda parte estorcem-se nas malhas de ferro dessa situação apodrecida. Bene- dicto começou a pagar as suas culpas. Quer s. exc. crime mais provado? E ain- da o conserva?

#### Fallecimentos.

Cheios de pesar, registramos o do nosso pres- timoso amigo tenente Manoel Ignacio da Luz, oc-

corrido na villa dos Picos, segundo consta-nos, a 14 de maio passado.  
 O tenente Manoel Iganacio da Luz era um cidadão distinto p-las virtudes, que o ennobreciam e que grang-aram-lhe a estima geral. Chefe de uma familia respeitavel e numeros-sima, a que lega, com a pobreza, bellos exemplos de honradez e proflidade, surpreendeu-o a morte ainda cheio de vigor e forgas, apesar de contar cerca de 60 annos de idade.

Como politico era a lealdade e abnegação personificadas. Liberal da velh. tempora, nunca recuou do seu posto no combate, e jamais quiz accitar do partido outra recomp-nsa alem da consideração a que tinha direito por seus longos, constantes e valiosos serviços.

Aos parentes do finado, especialmente a seus dignos filhos, genros e cunhados, enviamos sinceras condolencias pela irreparavel perda, que acabam de soffrer.

OUTROS.—Falleceram em Piracuruca, victimas de coqu-luche, a 19 e 23 do passado, dois filhos de nosso estimavel amigo tenente-coronel José Felipe do Rego Castello Branco; o primeiro de nome José com 2 annos e 4 mezes de idade, e o segundo de nome Estevão com 10 mezes de idade.

Sentimentamos ao nosso amigo pelo golpe duplo que acaba de soffrer.

OUTRO.—Falleceu na Corte do Imperio a 22 de abril deste anno a excm. sr. D. Franklina Pires Ferreira, virtuosa esposa do destituido occu-rista nosso illustre comprouvino dr. Fernando Pires Ferreira, deixando do seu consorcio 2 filhos. Nossos pesames ao dr. Pires Ferreira e a os seus dignos parentes, em cujo numero contemplamos os nossos distinctos amigos coronel Thomaz Rebello e dr. Frederico Pires.

CHEGADAS

Acham-se entre nós, afim de tomarem parte nos trabalhos da assemblea provincial, os nossos importantes amigos, coronel Thomaz Rebello e capitão Emigdio Genuino de Oliveira, aos quaes apresentamos as nossas saudações,

SEVICIAS

O sr. Severino Lopes, residente nesta capital; inflige barbaros e quotidianos castigos em uma sua escrava, segundo nos informam. Diz-m-nos que a infeliz está toda coberta de feridas, com as carnes retalhadas p-lo chicote e as mãos fendidas pela palmatoria, fazendo acorrentada em um quarto da casa do seo senhor! Facto como este, em qualquer outra provincia teria despertado a policia; mas aqui tudo se supporta, po-que a opinião publica não se alarma, chamando por justiça para a desgraçada victima do poder senhorial.

Não temos esperança de ver punido um crime tão revoltante e apenas chamamos para elle a attenção do jornalismo do imperio, afim de que todos saibam que, na capital do Planhy, sendo chefe de policia o dr. Firmão Licinio Soares da Silva e presidente o dr. Antonio Jansen de Mattos Pereira, é uma escrava terrivelmente surrada sem que o seo senhor soffra o menor castigo, por mais que se peça providencias. As autoridades judicarias, já que as policia-s toleram tamanha selvageria, podem pelo menos, fazer corpo de delicto na infeliz, para verificarem a veracidade das accusações que pezam sobre o tenente Severino. Culpado, soffra elle a merec-da punição; innocente, que se livre de tão pesada imputação. O que ó grave é nenhuma auctoridade syndicar de um facto grandemente criminoso.

Serenos attendidos?

Annuncios.

D. Marianna Rosa de Carvalho declara aos srs. collectores dos termos de Piracuruca, Pedro 2.º, Piripiri, e Campo-maior e ao publico em geral, para que fique constando, que não possui mais gados de natureza alguma nos referidos Termos, onde possuia, por ter vendido a sua Fazenda Bebedor, no Termo de Piracuruca, ao sr. Tenente Domingos Coelho de Resende, e nos outros termos tambem alienou uma ou outra rez que possuia; por isso que tem o direito de ser eliminada dos lançamentos de dizimos. Piripiri, 2 de Junho de 1887

Mariana Rosa de Carvalho

A abaixo assignada, residente em Piripity, declara ao collector da Campo-maior, que não possui gados de natureza alguma nas Fazendas—Oiteiro e Alagoa da Tapera sitas no Município de Campo-maior; por isso que não deverá ser mais contemplada no lançamento dos dizimos, quer de abaixo de seu nome, quer de seu casal. As ditas Fazendas tocaram em partilha aos seus herdeiros a primeira José Gomes da Silva Rebello, tutelado do capitão José Joaquim da Silva Rebello, e a 2.ª ao tenente Silvestre T.

Castello Branco, a qual vendêra ao fallecido dr. Estevão Lopes Castello Branco, das Barras.

Piripity, 8 de Junho 1887.

Thereza Rosa de Jesus

COLLEGIO DE N.S. DAS DORES

D. Maria Emigilia Castello Branco, professora de instrução primaria e secundaria, declara aos srs pais de familia, que teem filhos a educar que, apesar de ter fallecido seu querido pai, continua a receber alumnas internas, siminternas e externas sob as mesmas condições e instituições que anteriormente regiam o mesmo collegio.

As materias de sua aula são divididas em dois cursos a saber:

PRIMEIRO CURSO.—Leitura e calligraphia, principios de moral e religião, principios de contabilidade, noções de grammatica portugueza e os mais delicados trabalhos de agulha.

SEGUNDO CURSO.—Grammatica portugueza, arithmetica, systema metrico de cimal, noções de geographia e historia, continuação dos trabalhos de agulha, bordado a ouro, flores, & c.

ATTENÇÃO!

Grande redução de preços

João da Cruz & Irmão vendem passucar em barricas a 200 reis o kilo e a retalho á 280 reis

E' Inerivel!

Receberam CASTELLO BRANCO & IRMÃO.

Um magnifico sortimento de mercadorias que se vende por preços diminutos! Como especialidades citaremos os objectos abaixo:

Fustões de côres, Perfumarias, Casemiras do melhor gosto, Baralhos finos, Mimosas cambaiás, Lenços de seda, Calçados modernos, Lenços de linho, Gravatas para homem, Charutos «exposição», Meias brancas e de côres para homem, Copos para agua, Espartinhos e bellos Ramos para senhora, Cerveja, Vermuth, Cognac cristal e Vinho de boa qualidade para quem gosta, tintos Crivos para vestidos, Brim branco e de côres, Pentes para alisar, Chapéos e Meias para senr. Modernas bolsas para fumo, Tinteiros e CHITAS DE GOSTOS MODERNOS.

Fabrica Vera Cruz.

De superior tabaco picado são feitos n'esta fabrica os cigarros populares, em mortalhas de papel amarello da melhor qualidade, e vende-se a 3800 reis cada milheiro; porem attingindo a compra á somma, pelos menos, de 100\$000 reis, desconta-se 5%o, o que reduz os cigarros ao baratissimo preço de 3: 600.

Cigarros em mortalhas de linho, feitos com tabaco de Goyz ou Rio-Novo, milheiro 7: 500 porem sendo acondicionado em uma lata custa 8:000 reis.

Estas duas marcas de fumo desfiado são bem conhecidas como boas, e agora chegou realmente uma partida destes fumos que sabia excellent.

Cigarros curtinhos ponta aberta, feito com excellentissimo fumo de S. Luz vende-se cada milheiro avulso por 4:5000 e um maço por 100 reis.

Finalmente cigarros em mortalhas de alcaço, do proprio fumo e de palha de de milho tambem ha na mesma fabrica.

O proprietario, H. Parentes, continua a pedir a todos os consumidores deste artigo que não esqueçam de preferir-o em suas compras, para poder ir avante com sua nascente empresa. Não aceita porem, nenhuma proposta á prazo

Macario Lima acaba de receber da Europa collarinhos marca—CLUB IRACEMA.

Garrafas.

meias Garrafas e Vidros de todos os tamanhos que estejam perfectamente lavados—compram-se e pagam se bem na BOTICA DO POVO.

ENSINO SECUNDARIO

Antonio Marques da Costa ensina Portuguez em casa de sua residencia a Praça Saraya. Theresina 26 de Abril de 1887.

A 2:500

Vende-se a Selecta Escolar do padre dr. Joaquimampa Castello Branco, na Loja Brasileira.

INCRIVEL

ACABARAM-SE

OS CALLOS

NOVA LIMA LICOR CHIMICO

para destruir em 5 minutos, sem a menor dor, os calos, durezas e verrugas, com uma simples fricção, sem applicação de pomada, topico ou emplasto.

A 3\$000 reis cada vidro com uma lima—na casa commercial de

MACARIO FERNANDES LIMA

BOTICA DO POVO

PILULAS DO DOUTOR CRUZ.

PARA CURAR AS FEBRES INTERMITENTES (SEZÕES)

Preparadas pelo pharmaceutico José Pereira Lopes, ex-chefe do Laboratorio de analyses chemicas da Policlinica Geral do Rio-de-Janeiro, membro effectivo, ex-secretario geral do Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, ex-membro auxiliar da Exm.ª Junta Central de Hygiene Publica da Corte etc.

Estas pilulas são vendidas a 2\$000 a caixa e em duzia a 18\$000 reis.

DOSES DE JABORANDI DO NORTE  
 PODEROSO DIAPHORETICO SIALAGOGO  
 REMEDIO EFFICAZ NAS CONSTIPAÇÕES  
 A—2\$000 reis a duzia.

CONDUE. SALSA E CANXANA

O DEPURADOR DO SANGUE, preparado em que alem dos tres vegetaes supra-indicados entram tambem a CAROBA, a JAPECANGA e a BATATA DE PURGA

Remedio da syphilis

12 garrafas—18\$000; 1 dita—2\$000 reis

PEITORAL DE PÉ DE BOI, JUCÁ E CARAHIBA

Remedio de acção prompta e incomparavel nas  
 TOSSES REBELDES, ASTHMA, TISICA INCIPIENTE etc  
 12 vidros—18\$000; 1 dito—2\$000 reis.

PHARMACIA E DROGARIA de

Eugenio Marques de Hollanda.

Neste estabelecimento, que se acha sortido dos melhores productos chemicos e pharmaceuticos, recebidos dos mais acreditados laboratorios nacionaes e estrangeiros, avia-se, por preços modicos, com promptidão e aceto, quaesquer pedidos de drogas e preparados chemicos em grosso e a retalho, ambulancias e receitairos, garantindo-se perfeição e o maior escrupulo nas manipulações dos medicamentos. Tambem vende-se qualquer medicamento e avia-se receitas, seja qual for a hora da noite.